

## **Palmas Virtual: o auto engano da inclusão digital**

**Adriana Santos, Kelinne Guimarães e Maiara Silva**

### **Resumo:**

O artigo apresenta uma perspectiva sociológica e comunicacional-tecnológica acerca de aspectos das mudanças na sociedade como consequência do surgimento de um novo modelo econômico, da modernização da comunicação, mostrando a influência das novas tecnologias, como a Internet, na transformação da sociedade para o que alguns teóricos chamam de “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento”. A partir dos objetivos de estudar os projetos em desenvolvimento na cidade, os resultados possibilitam uma reflexão sobre a eficácia dos projetos de inclusão digital, em particular sobre Palmas Virtual implantado na cidade de Palmas (TO).

### **Palavras Chave:**

Tecnologias, sociedade do conhecimento, inclusão digital, Internet

### **Abstract:**

The article presents a sociological and comunicacional-technological perspective concerning aspects of the changes in the society as consequence of the sprouting of a new economic model, the communication modernization, showing the influence of the new technologies, as the Internet, in the transformation of the society to what some theoreticians call “society of the information” or “society of the knowledge”. Based on the goal of studying the projects in development in the city, the results make possible a reflection on the effectiveness of the projects of digital inclusion, in particular on Palmas Virtual implanted in the city of Palmas-TO.

### **Keywords:**

Technologies, society of the knowledge, digital inclusion, InterNet

### **Introdução**

As novas tecnologias têm causado grande impacto na sociedade, particularmente os meios nascidos da convergência tecnológica, em particular a Internet, sendo que o acesso ou não a mesma causa alterações estruturais e funcionais na sociedade ou comunidade em que se encontra inserido. Segundo diversos observadores e teóricos, entre eles Rosnay (1998), essas alterações encaminharam a sociedade para revolução informacional, partindo da retroalimentação e da sinergia de uma série de tecnologias, construíram a “era da informação e do conhecimento” (CASTELLS, 1999).

A era da informação conta com novas redes que estão desenhando um mundo baseado em comunidades informacionais, que enlaçam governos, instituições e empresas, alterando os velhos vínculos determinados pela proximidade e obrigando a criação dos espaços globais. Todavia, ela também exclui boa parte da população que se encontra à margem da sociedade em rede, ou seja, que está excluída digitalmente. Em virtude dessa problemática, surgem em todo o Brasil projetos de inclusão digital que na

maioria das vezes consistem na implantação de telecentros. Apesar das necessidades de implantação de projetos de inclusão, é essencial analisar as deficiências das propostas inclusivas.

O foco deste trabalho foi verificar a utopia ou eficiência do projeto Palmas Virtual. Para isso, o estudo desenvolveu um levantamento sobre o crescimento tecnológico e digital dos usuários como resultados inclusivos e cidadãos para os participantes, ou seja, realizou levantamento para detectar se a disponibilidade de equipamentos, a facilitação ao acesso podem ser viabilizadores para a inclusão digital tecnológica do país.

### **Sociedade do conhecimento**

A sociedade vivenciou diversas mudanças após a Segunda Guerra Mundial no campo político econômico e social em virtude do aumento da comunicação entre os indivíduos, da difusão das novas tecnologias e da mudança da base econômica.

Para Lucci (2006), essa sociedade já não é baseada na produção agrícola, nem na indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética.

Essas mudanças encaminham a sociedade para uma nova era, a era do conhecimento e da informação. Castells (1999) afirma que nesta nova “era”, as tecnologias de informação fazem parte de um conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, telecomunicações e radiodifusão, entre outras, que usam de conhecimentos científicos para especificar as coisas de maneira reproduzível.

Segundo Nagel, o termo “Sociedade do Conhecimento” é a forma brasileira de traduzir Sociedade da Informação ou Super Estrada da Informação, que para a autora são expressões mais realistas, mais precisas em sua extensão e menos pretensiosas em sua compreensão. Para a autora:

Sociedade do Conhecimento é, antes de tudo, a expressão empresarial dos investimentos racionalmente programados para o mundo globalizado, relativos à informática, telecomunicações, redes de comunicação digitais (banda larga), sistemas de comunicação móveis, que incluem, de modo mais imediato, a) o ensino à distância, b) os serviços de telemática para pequenas e médias empresas, c) o tráfego computadorizado, d) a gerência de tráfego aéreo, e) a licitação e compra eletrônica, f) as redes de administração pública, g) o controle de infovias urbanas ligadas à prestação de serviços de prefeituras; o uso da telemedicina, entre outros (2002, apud OMENA, 2005: 3.).

Deve-se salientar, no entanto, que dentro dessa revolução informacional encontram-se dois fenômenos similares em magnitude, porém distintos em sua essência: mundialização e globalização.

De acordo com Vilches (2001), a mundialização é um fenômeno cultural que surgiu da industrialização e que rompeu com as tradições, obrigando a uma rápida transformação ou a uma desapareção segura de características culturais heterogêneas. Conceituação similar é feita por Latouche (1994) ao estudar o que ele chama de ocidentalização do mundo, uma massificação da cultura ocidental sobre as orientais.

Globalização por sua vez para Vilches (2001) significa que as atividades industriais e econômicas se desenvolvem em escala global e não regional, ou seja, a globalização tem fundo econômico e expressa um certo grau de reciprocidade e interdependência das atividades repartidas nas diversas áreas internacionais.

Ao se observar às características da globalização em relação à informação e à comunicação, se observa,

em primeiro lugar, que a emergência dos conglomerados dos multimídias internacionais são chaves para a difusão da informação. Em segundo lugar, que as novas tecnologias da informação, desde os satélites ao cabo, da microeletrônica à digitalização, têm um impacto social de efeitos até agora impossíveis de prever em toda sua magnitude.

O conceito de Sociedade do Conhecimento transita por diferentes cenários da cultura mundializada, cujas características principais são as possibilidades de acesso, de controle e de armazenamento de informações. Entretanto, a ausência de contato com as novas tecnologias exclui aqueles que estão à margem da sociedade em rede.

Para Vilches (2001), não estar incluído na sociedade do conhecimento é algo muito mais grave que não possuir um computador, pois está diretamente ligada à dificuldade em obter sucesso em setores importantes da sociedade da informação, como por exemplo, o mercado de trabalho.

Surgem por meio desses esforços, projetos de inclusão como o Palmas Virtual que visa inserir a comunidade, em particular a mais carente, na sociedade da informação.

### **Inclusão digital**

O resultado de uma revolução tecnológica em geral só fica evidente quando a mesma se alastra e reconfigura a sociedade, inclusive a economia que tende a ser uma economia digital, que tem entre suas conseqüências “a disseminação de um novo paradigma econômico e produtivo baseado na informação” que traz consigo o desemprego tecnológico (SILVEIRA, 2001).

Para Cabral (2003), surge cada vez com mais força, no contexto das organizações da sociedade civil, a idéia de levar a tecnologia digital ao alcance da sociedade. Geralmente desenvolvidas através de cursos para pessoas de baixa renda, essas iniciativas se fizeram conhecidas pelo nome de inclusão digital, sendo pensadas e implementadas diante da constatação de uma desigualdade social e econômica que será agravada se não contemplar uma parcela significativa da sociedade no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação.

De acordo com o autor, a revolução tecnológica tende a ampliar o distanciamento entre ricos e pobres, ou seja, surge uma nova face da exclusão social. Estes novos excluídos não conseguem se comunicar com a velocidade dos incluídos pela comunicação mediada por computador.

Diante dessa problemática, a sociedade tem se mobilizado para garantir inclusão digital e conseqüentemente social. Segundo Mendes (*online*), três pilares formam um tripé fundamental para que a inclusão digital aconteça: TIC's, renda e educação. Não é difícil vaticinar que sem qualquer um desses pilares, não importa qual combinação seja feita, qualquer ação está fadada ao insucesso.

A inclusão digital ocorre somente com uma apropriação ativa e criativa das novas tecnologias. De acordo com a Comissão de Sistema do Trabalho Digital (CSTD, 2001), essa apropriação se tornará possível por meio da criação de uma sociedade virtual que facilite o processo de troca de experiências entre as comunidades e que auxilie o processo de aprendizagem. Todavia, torna-se necessário colocar a eficiência de projetos como este em cheque, tendo em vista que muitas vezes a implantação de telecentros promove somente um primeiro contato com a tecnologia, com os *softwares*, não possibilitando oportunidades de inclusão.

Silveira (2001) afirma que a inclusão digital tem sido pauta obrigatória no cenário político nacional e internacional e motivação de várias ações, projetos e programas nas agendas sociais no Brasil e em

diversos países do mundo. O autor assegura, que em geral há uma exclusão digital causada pela distribuição desigual do acesso às redes de comunicação interativa mediadas por computadores conectados à Internet. Prescrevem-se como soluções democráticas a universalização do acesso a tais redes, assim como a democratização da informação.

### **Telecentros: inclusão ou autoengano?**

O principal objetivo dos telecentros é combater a exclusão digital, através do acesso a novas tecnologias. Os telecentros são espaços com computadores conectados à Internet banda larga. Cada unidade possui normalmente entre 10 e 20 micros. O uso livre dos equipamentos, cursos de informática básica e oficinas especiais são as principais atividades oferecidas à população (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES).

A criação de telecentros nem sempre significa o fim da exclusão digital e a formação de um sujeito ativo e participativo na sociedade da informação. A pesquisa de novas tecnologias, desenvolvida na Universidade Federal do Tocantins (UFT) que tinha como finalidade observar a eficácia do projeto Palmas Virtual, na capital de Palmas, atesta essa realidade, pois após aplicação dos questionários e tabulação dos dados, a hipótese de que a maioria dos usuários não se identifica como incluído digitalmente se confirma. Foi possível perceber que o projeto mesmo não está proporcionando a inclusão digital, mas simplesmente o acesso às novas tecnologias.

Diante das porcentagens, foi possível perceber que o projeto está proporcionando aos seus usuários uma inclusão analógica, visto que 40% dos entrevistados declararam que desconhecem a existência de qualquer apoio didático ou pedagógico, além disso, usam o computador apenas para navegar na Internet, visitando, na maioria das vezes, sites de entretenimento. A mudança sentida pela maior parte dos participantes consiste no fato de ter conhecido novos amigos.

Dessa forma, o projeto encontra-se distante da sua proposta inclusiva, uma vez que seus telecentros não têm proporcionado a aquisição de conhecimentos e habilidades básicas para uso dos computadores e redes, impossibilitando a formação de um sujeito ativo e participativo, consumidor e produtor de conhecimentos que se aplique no cotidiano e ao trabalho, gerando para si oportunidades de inclusão social e exercício da cidadania.

### **Considerações Finais**

O resultado obtido com a pesquisa confirma a hipótese inicial, pois realmente os telecentros do projeto inclusivo Palmas Virtual, existente na capital tocantinense, não realiza uma inclusão digital, já que oferece o meio, mas esquece de capacitar o usuário.

A exclusão digital é mais séria do que imaginávamos, não adianta somente ter acesso às novas tecnologias, um computador para quem não sabe usar suas ferramentas não passa de um objeto supérfluo. Assim, é preciso rever as propostas inclusivas já existentes, adaptá-las de forma que o usuário realmente possa fazer a diferença, utilizando seu conhecimento.

As políticas públicas para inclusão digital funcionam, desde que levado em consideração o papel qualificador das mesmas, pois para muitos governos é mais fácil entregar um telecentro pronto sem qualificação de quem o utiliza, do que capacitar usuários para posteriormente fazer uso deste recurso.

### **Bibliografia:**

CABRAL, Adilson. *Exclusão digital*. INTERCOM. São Paulo. 2003. Disponível em: <http://www.comunicacao.pro.br/artcon/includig.htm>. Acesso em: 27 de março de 2007.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CSTD COMISSÃO DE SISTEMA DO TRABALHO DIGITAL. Oficina Para Inclusão Digital. *Relatório final*, 2001. Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/default2.cfm?idarea>. Acesso em: 10 abr. 2004.

LATOUCHE, Serge. *A ocidentalização do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LUCCI, Elian. *A era do conhecimento e a educação para pensar*. São Paulo: Saraiva, 2006.

MENDES, Antonio Mendes da Silva Filho. *Os três pilares da inclusão digital*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/024/24amsf.htm>. Acesso em: 16/12/2009.

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO. *O que é um Telecentro e para que serve?* Disponível em: [http://www.idbrasil.gov.br/docs\\_telecentro/o\\_que\\_e](http://www.idbrasil.gov.br/docs_telecentro/o_que_e). Acesso em: 16/12/2009.

OMENA, Adriana. *Educação, educadores e internet na sociedade do conhecimento: o uso de NTC no ensino superior*. XXVIII Congresso brasileiro de ciências da comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

ROSNAY, Joel de. La revolución informacional. In: RAMONET, Ignácio. *Internet, el mundo que llega*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. *Exclusão digital, a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

VILCHES, Lorenzo. *Efeitos em la sociedad de la información*. Barcelona: Gedisa, 2001.

### **Notas:**

(1) Trabalho apresentado ao 2º Simpósio Nacional de Tecnologia e sociedade.

### **Mini Currículo :**

Adriana Cristina Omena dos Santos é Publicitária, Doutora em Novas Tecnologias pela Escola de Comunicação da Universidade de São ECA/USP. Keline Oliveira Guimarães e Maiara Sobral Silva são alunas de Iniciação Científica, graduandas do 5º período do curso Comunicação Social: Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins -UFT.